



## Política de educação, produção de conhecimento e o futuro da ciência no Brasil

**Rafael Vieira TEIXEIRA\***

 <https://orcid.org/0000-0002-4857-3655>

Abrimos o ano de 2022 com uma publicação tão pertinente quanto desafiadora. O número 1, deste volume 14, encontra o desembocar de acontecimentos históricos importantes e, ao mesmo tempo, muito delicados. Em nível mundial, a crise estrutural do capital se aprofunda, manifestando o desalento de milhões de seres humanos. A pandemia da Covid-19 escancarou a relação da questão social com suas manifestações, deixando um quantitativo de mortes sem precedentes, com dados públicos que nos permitem afirmar que a pandemia matou mais pessoas pobres, negras, residentes das periferias dos países dependentes. Da mesma forma, a escalada bélica que hoje se vê no leste da Europa, e no mundo, permite dimensionar que a crise do capital tem um espectro pouco previsível, em especial quanto à preservação da vida no planeta. Se considerarmos ainda o avançado estágio de degradação ambiental em nível mundial, vemos o quanto é delicado o desafio de ser e viver no momento atual. E, não obstante, pensar e vislumbrar um futuro neste contexto é crucial, porém, complexo. Ademais, esta prerrogativa é exclusiva aos sujeitos históricos do presente. Desta breve síntese parece incontornável extrair, e pôr em relevo, a racionalidade humana como potência, em que pese a prevalência de uma racionalidade do capital, a qual, a rigor, do ponto de vista humano, é progressivamente autodenunciada com uma irracionalidade.

No Brasil, as consequências da crise estrutural são ainda mais agudas, pois a origem subordinada do país na divisão internacional do trabalho acrescenta obstáculos ao processamento de avanços civilizatórios alcançados no interior das contradições dos países centrais do próprio capitalismo. A inexistência de rupturas com a ordem colonial, exportadora de insumos, latifundiária, escravocrata, autoritária, patrimonialista e clientelista reatualiza e revigora constantemente as forças conservadoras, crescendo-lhes contornos religiosos e militarizados. Contudo, aqui este ultraconservadorismo é signatário das prescrições imperialistas, que hoje se combinam à moderna estratégia neoliberal.

Posto isso, voltemos à pertinência desta publicação no presente contexto. A teleologia humana, ativa, em uma perspectiva de ruptura com o atual padrão civilizatório, parece ser imprescindível para que a humanidade possa vislumbrar o futuro. E, nesse âmbito, mesmo que estranhadas, a produção de conhecimento e a política de educação fazem parte do problema atual e, concomitantemente, das possibilidades humanas de superação deste. Isto significa

---

\* Assistente Social. Doutor em Política Social. Professor do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo. (Ufes, Vitória, Brasil). Av. Fernando Ferrari, nº514, Goiabeiras, Vitória (ES), CEP.: 29075-910. E-mail: [rafael.v.teixeira@ufes.br](mailto:rafael.v.teixeira@ufes.br).



© A(s) Autora(s)/O(s) Autor(es). 2019 Acesso Aberto Esta obra está licenciada sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional ([https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)), que permite copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato, bem como adaptar, transformar e criar a partir deste material para qualquer fim, mesmo que comercial. O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

dizer que a educação e a produção de conhecimento devem ser tomadas como problemas de investigação, sendo esse um passo fundamental para buscar as soluções possíveis, construindo uma outra perspectiva de ciência: por uma outra racionalidade humana, não estranhada em si, nem de si.

Por outro lado, não se pode romantizar o problema do conhecimento e da educação como se fossem apenas problemas de ordem subjetiva, imaterial, ou uma questão pertinente ao espírito, como para a filosofia clássica. Trata-se de uma questão histórica e concreta, portanto não solúvel no âmbito “puro” da razão.

Daí que a política de educação e a produção de conhecimento não são tomadas como meras construções intelectuais, nem como formulações a partir de pontos de vista, supostamente, isentos. As tomamos, então, como construções que afetam e são afetadas pelas relações sociais de produção e reprodução. Estas se expressam, logicamente, também no conhecimento, donde podemos perceber a flagrante contradição ante as necessidades humanas de desenvolvimento e aprimoramento das forças produtivas. E, neste estrito sentido, estamos convictos/as de que os textos que apresentamos neste número caminham em uma direção comum, investigando as realidades (sobretudo a brasileira) em sua interface com as políticas educacionais e de ciência e tecnologia vigentes.

São, portanto, produções diversas que resultam de investigações conectadas ao problema concreto acima mencionado. Evidentemente, pela complexidade e abrangência do tema, nele inscrito o desafio de ser pesquisador/a nos dias atuais, as contribuições dos/das autores/as dialogam de maneira ampla com as determinações históricas do presente.

Nesta direção, destacamos a seção debate como potente oportunidade de diálogo com a comunidade em geral e com a área de conhecimento do nosso periódico. Puxando a fila da melhor contribuição da área para o debate sobre o dilema da universidade brasileira, apresentamos o texto das companheiras Kátia Lima e Janaína Duarte. Como produto de um maduro processo de investigação em cooperação entre GEPESS (UFF) e Politiza (UnB), as pesquisadoras nos apresentam uma reflexão sobre o presente e o futuro da educação brasileira. Ancoradas na pujante, clássica e atual formulação de Florestan Fernandes, as autoras demarcam o período recente como fascistizante e ameaçador para um projeto de educação no País. Destacam os fundamentos que nos trazem à atual condição, demarcando aspectos estruturais sem os quais não podemos apreender o fenômeno em sua essência. E mostram com propriedade o tamanho do desafio de pensar o futuro da nação, em especial o tocante à educação e produção de conhecimento.

Em afinada sintonia, o texto de Lalo W. Minto, camarada docente e pesquisador da Unicamp, avança a análise às disputas recentes entre projetos para a educação, em especial a educação superior. Adensando a reflexão sobre a relação entre o capitalismo dependente e a universidade correlata, o pesquisador reitera os limites desta instituição, trazendo uma interrogação fundamental: qual o horizonte do projeto de educação e produção de conhecimento para a classe trabalhadora no país? E, com distinto rigor, nos adverte ao cuidado com as perspectivas de conciliação de classes: “A perspectiva de retornar a algum ponto do passado recente da educação superior pública, no fundo, se confunde com o projeto hegemônico que a trouxe até aqui”.

Coroando o debate, a contribuição da ABEPSS vem sublinhar algo presente nos outros textos da seção: o futuro da formação profissional e da ciência no país necessariamente passa por uma agenda de lutas anticapitalista. Sem ruptura com a racionalidade do capital, desumanizada e fetichizada, não há futuro para a ciência e para a formação humana e profissional. O projeto educacional clama o projeto de nação que, por sua vez, clama por um projeto de sociedade, uma outra sociedade. Ainda que o momento nos acene para a complexidade desta luta pela superação do capital, é imprescindível fazê-la. A gestão *Aqui se Respira Luta*, expressa a urgência de uma agenda de lutas da e para a classe trabalhadora. Consciente dos complexos desafios do presente, a entidade não titubeia ao somar o acúmulo histórico sobre os fundamentos do Serviço Social (donde extrai uma sofisticada compreensão da relação entre trabalho e formação) às lutas gerais da classe trabalhadora:

[...] participamos de campanhas com outros sujeitos coletivos, especialmente, ANDES, FASUBRA, SINASEFE, entidades estudantis e Associações Científicas em defesa da universidade pública, da ciência e de um projeto anticapitalista, antirracista, anti-capacitista, anti-LGBTIfóbico e não machista de educação.

De uma forma geral, os artigos, sobretudo temáticos, acompanham esta linha encabeçada pela seção debate, adensando a produção da área no tocante a questões urgentes relacionadas ao tema deste número, como a importância do rigor teórico-metodológico, o ensino remoto, a questão racial e de gênero na educação e na formação em Serviço Social, a assistência estudantil, dentre outros temas.

Com muita convicção, então, afirmamos que vale a leitura desta publicação. Valeu o processo de trabalho que, com muito suor, afeto, e lucidez, nos permitiu organizar os textos que ora compartilhamos. E, finalmente, vale dizer, especialmente neste momento, neste ano de 2022, que não há margem para hesitarmos: é preciso respirar luta contra a racionalidade fascizante do capital em crise, sem abrir arestas para que o futuro fique para trás. Obrigado a todos/as/es que de alguma maneira contribuem com este trabalho coletivo. Boa leitura! Força na luta!